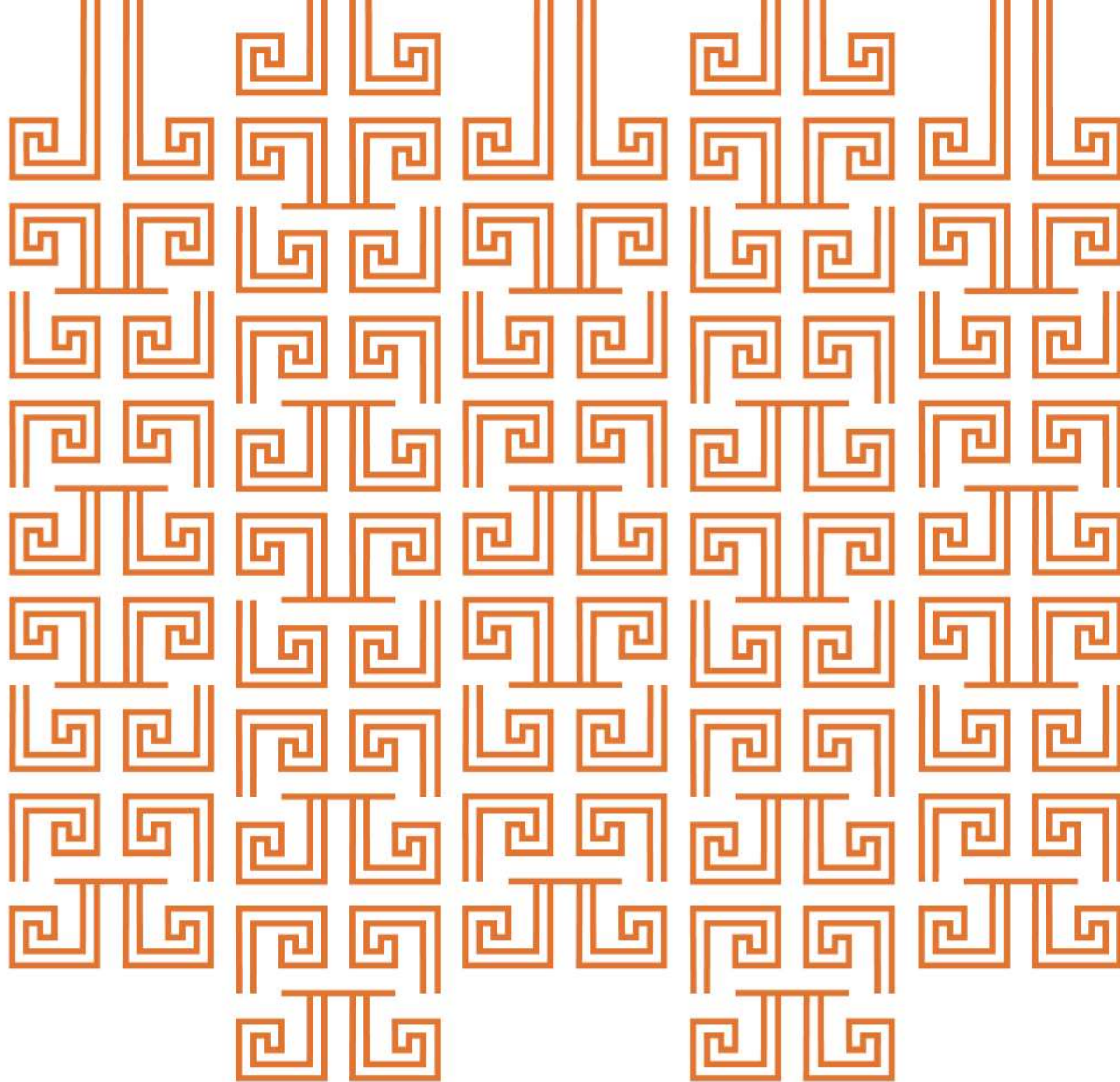




Coleção Pensamento Filosófico

HOSPITALIDADE HERMENÊUTICA **na filosofia de Paul Ricoeur**

José Vanderlei Carneiro

José Elielton de Sousa

Herasmo Braga de Oliveira Brito (Orgs.)



Editora Fundação Fênix





UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Reitor

José Arimatéia Dantas Lopes

Vice-Reitora

Nadir do Nascimento Nogueira

Superintendente de Comunicação Social

Jacqueline Lima Dourado

Editor

Ricardo Alaggio Ribeiro

EDUFPI - Conselho Editorial

Ricardo Alaggio Ribeiro (presidente)

Acácio Salvador Veras e Silva

Antonio Fonseca dos Santos Neto

Wilson Seraine da Silva Filho

Gustavo Fortes Said

Nelson Nery Costa

Viriato Campelo



Editora da Universidade Federal do Piauí - EDUFPI

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella

CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI - Brasil

Todos os Direitos Reservados

**Hospitalidade hermenêutica
na filosofia de Paul Ricoeur**

(Organizadores)

José Vanderlei Carneiro

José Elielton de Sousa

Herasmo Braga de Oliveira Brito



Editora Fundação Fênix



Porto Alegre, 2020

Direção editorial: Agemir Bavaresco
Diagramação: Editora Fundação Fênix
Capa: Editora Fundação Fênix

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –

[Http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Série Filosofia – 34 – Coleção Pensamento Filosófico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

CARNEIRO, José Vanderlei; SOUSA, José Elielton de; BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. (Orgs).

Hospitalidade hermenêutica na filosofia de Paul Ricoeur. CARNEIRO, José Vanderlei; SOUSA, José Elielton de; BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. (Orgs). Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix; Teresina, PI: Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI, 2020.

216p.

ISBN – 978-65-87424-29-3

ISBN – 978-65-5904-032-2



<https://doi.org/10.36592/9786587424293>

Disponível em: <https://www.fundarfenix.com.br>

CDD-100

1. Ricoeur. 2. Filosofia. 3. Hermenêutica. 4. Hospitalidade.

Índice para catálogo sistemático – Filosofia e disciplinas relacionadas – 100

A QUESTÃO COLONIAL¹ ©

Paul Ricœur

A leitura do “Memorando colonial entregue aos representantes da Ásia e da África pela delegação francesa em Oslo” me fez aplaudir: agora que a revolta dos nativos está instaurada, nós nos perguntávamos se a Igreja tinha ainda força espiritual suficiente para dizer uma palavra libertadora. É verdade que o exame minucioso dos estudos e dos documentos publicados nas [Revistas] *Temps Modernes* e *Esprit* deixam no leitor uma impressão sufocante que um dos correspondentes da *Esprit* resumiu nesta frase devastadora: “É tarde demais”. Será que, quando uma compensação espiritual se dá tarde demais, ela não corre o risco de trabalhar em prol de uma resignação que não teria nenhum dos caracteres de imaginação e de audácia que nós esperaríamos de uma atitude cristã diante dos problemas atuais? Mas pode ser que uma palavra libertadora deva ser primeiramente uma vontade de liquidação, um tipo de auto-de-fé cruel dos preconceitos e dos erros do passado.

¹ © Fonds Ricoeur. Agradecemos à família Ricoeur, na pessoa de Nathalie Ricoeur-Nicolai, por ter autorizado a publicação dessa tradução no dia 19/08/2020. Este texto foi publicado pela primeira vez na Revue *Réforme*, um periódico semanal protestante, em 20/09/1947 (Vol. 3, N. 131). Houve uma segunda publicação na Revue *Le Semeur*, em sua edição bimestral de dezembro-1947/janeiro-1948 (Nº 46/2-3). Em 2018, o *Fonds Ricoeur* disponibilizou o livre acesso a este texto em sua página na internet, publicação que vem precedida por uma rica nota editorial de Ernst Wolff, na qual obtivemos as informações editoriais aqui relatadas.
DOI – <https://doi.org/10.36592/9786587424293-1>

Este artigo não tem outra pretensão senão examinar, junto com nossos amigos leitores, a dimensão das *responsabilidades* precisamente daquele que não é especialista em questões coloniais e encontrar o *ambiente* para um exame técnico que seja de nossa competência. É precisamente a responsabilidade de um não especialista, do homem para além do técnico, que eu quero despertar diariamente em mim diante da questão colonial, não obstante as vozes engajadas que me sopram: “Você não sabe nada sobre essa questão: se você tivesse vivido na Indochina, no Marrocos, na Argélia, em Madagascar, você não concederia qualquer crédito às pregações sentimentais dos utópicos da metrópole”. Mas eu bem sei que minha incompetência não me desincumbe de minha responsabilidade total de cidadão francês; sou eu que envio a força expedicionária para a Indochina; e eu não tenho o direito de abdicar meu julgamento em benefício dos colonos: tanto os muçulmanos como os vietnamitas² vivem – se o pudermos dizer prioritariamente – além-mar. Ora, a reivindicação deles me perturba, quando ela retorna contra nós os temas tocantes da liberação nacional provocada pela nossa luta contra o nazismo. Eu receio ser nazista sem o saber. Eu escuto esses alemães protestarem lamentavelmente quando nós lhes falamos de Auschwitz: “Nós não sabíamos de nada”. E nós os esmagamos vitoriosamente: “A culpa de vocês é de não ter sabido”. Eu não sei muitas coisas sobre a opressão francesa nas colônias e eu temo que minha culpa seja, principalmente, culpa de omissão concernente à minha informação.

Diante de nossas responsabilidades, eu sei ao menos que o especialista é menos que o homem de esclarecimento moderado, pois em cada situação original (Marrocos, Indochina, etc.), ele adapta os meios cujos fins são postos pelo *homem* que existe em cada um de nós, em cada cidadão não especialista em assuntos coloniais. E é neste ponto que não é indiferente que este homem seja cristão ou não, quando ele busca se orientar em meio aos princípios e às metas da política da metrópole. No labirinto das questões locais e das dificuldades táticas – como na difícil negociação com o Vietnã, em que seria bastante difícil dizer, *a priori*, se é preciso tratar com Ho Chi Minh³ ou com um outro – há algumas

² N.T. (nota da tradutora) Literalmente, “anamitas” [Annamites]. Anamitas são as pessoas naturais de Aname [Annam], na época uma colônia francesa situada no norte do Vietnã.

³ N.T. Ho Chi Minh (1890-1969) foi um líder revolucionário que atuou, juntamente com outros, na luta contra a colonização francesa no Vietnã. A independência em relação à França foi declarada em 02 de setembro de 1945 (dois anos antes da publicação do presente artigo de Ricoeur).

grandes linhas que é preciso não perder de vista, algumas árvores grandes que a floresta não deve esconder:

1º) O objetivo da colonização é suprimir a si mesma. Isto não será jamais dito de maneira suficientemente forte. O ritmo e o processo por meio dos quais a soberania da França (em sua origem, e ainda em muitos casos, sem nuances) deverá ceder a vez para a liberdade política dos povos é uma questão técnica subordinada que exige competência. Mas a mais bela obra civilizatória é *destinada* a equipar, para a liberdade, zonas de humanidade cada vez mais vastas.

2º) O uso da violência por pessoas que aspiram à liberdade não aumenta nossas justificativas: o empreendimento colonial é viciado desde a origem pela trapaça e pela violência. Mesmo se nós não somos atualmente os agressores – o que é em geral indiscutível –, a verdade é que como ocupantes nós temos desde o começo uma precedência permanente na violência. Esta foi, frequentemente, uma violência pacificadora, um tipo de paz romana, mas que armazenou, para um porvir mais ou menos distante, reservas de violência libertadora: este movimento imperioso da violência pacificadora à violência libertadora implicado na história colonial nos impede de contrapor *nosso* direito à culpabilidade *deles*.

3º) A armadilha do espírito colonial é o racismo; a base do direito dos nativos é o universalismo. Isto é muito abstrato, mas compartilha duas neutralidades. Um dos correspondentes argelinos da Revista *Esprit*⁴ conseguiu ficar scandalizado porque

na Argélia o racismo – eu entendo aqui o racismo cotidiano, aquele do bonde e do mercado – não é um direito, mas um dever. [...] Eu ainda não compreendi que, num trólebus, a posição de pé seja menos fatigante para uma moura grávida do que para uma europeia na mesma situação. [...] Eu não estou ainda scandalizado que se tenha pensado em conceder às crianças muçulmanas o mesmo leite que às crianças europeias. Eu não tive a sensatez de me deixar persuadir de que a extensão do plano de assistência social aos trabalhadores nativos seria [para toda a Argélia e] para eles em particular uma catástrofe. Eu ainda não acredito que as únicas características do árabe são que ele seja degenerado, preguiçoso e ladrão. E, imbecil que sou, eu ainda acredito que os árabes sejam homens, eu ainda acredito que eles são nossos irmãos,

⁴ N.E. (nota do editor Ernst Wolff) A. Mandouze, “Impossibilidades argelinas ou o mito dos três departamentos”, publicado na Revista *Esprit* N° 16/17, julho de 1947, p. 10-30, citação da página 13.

em vez de ver neles apenas malandros⁵ e ratazanas; mas eu ainda tenho dificuldades em tratá-los como alguém inferior⁶...

4º) O apetite frenético e com frequência prematuro de liberdade que anima os movimentos separatistas é a mesma paixão que está na origem da nossa história de 1789⁷ e de Valmy, de 1848 e de junho de 1940; e não adianta de nada dizer que este apetite é frenético e prematuro. A liberdade é uma paixão amarga e perigosa que naturalmente inclui sofrimentos e decepções. Mas é assim que os povos tomam posse da sua própria existência: fazendo em primeiro lugar a catastrófica experiência de sua impotência quando os mestres mais experientes se vão, levando embora sua arbitragem com seus abusos de poder. Hoje em dia, os ingleses deixam a Índia, e o dia 15 de agosto⁸ é uma grande data espiritual e, ao mesmo tempo, o começo de uma terrível aventura. Quando um adolescente exige a liberdade para a qual ele não está maduro, não há mais razões paternas para se contrapor a este furor de independência. A liberdade prematura é sempre maior que o paternalismo. Tudo o que se pode dizer é que existe alguma coisa ainda maior que o nacionalismo, a saber, a comunidade humana. Mas neste outro caminho, nós estamos tão desprovidos quanto eles. A Europa já pereceu pelos excessos da soberania; tchecos, sérvios, búlgaros etc. triunfaram no século passado contra os austro-húngaros e os otomanos, mas sua liberdade acelerou o destino de ruína da Europa. Pois este elevado valor da liberdade nacional deve ser atingido, mas, por sua vez, atravessado e sacrificado por outra coisa. Nós, na Europa, não soubemos nos desembaraçar do absurdo nacionalista; nós não temos palavras diante dos hindus e dos muçulmanos que se dilaceram e, amanhã, diante de outros asiáticos e outros africanos que ficarão estagnados na etapa da preciosa liberdade. Eles têm razão de fazer como nós, de querer ser livres antes da hora; eles estão errados, como nós, de querer fazer esse desvio inútil pelo Estado-nação.

⁵ N.T. Literalmente, “*pinsons*”, palavra que, segundo o Dicionário Languedocien-français, significa “filou” (em português, “malandro”).

⁶ N.T. Literalmente, “*les tutoyer*”. Em francês, tratar alguém por “tu” em vez de “vous” denota aproximação pessoal, mas também pode ser uma postura de inferiorização do interlocutor. Crianças, por exemplo, são sempre tratadas por “tu”, ainda que o adulto não as conheça. Tratar o colonizado por “vous” seria uma forma de demonstrar respeito e igualdade para com ele.

⁷ N.T. Ano de início da Revolução Francesa.

⁸ N.T. 15/08/1947 foi o dia da Independência da Índia (do domínio britânico).

“Eu lhes peço que, por favor, – escreve um outro correspondente da [Revista] *Esprit*, antigo responsável pelo Comitê de Ações contra a Deportação, que foi escalado para missão na Indochina – quando os vietnamitas lhes falarem em linguagem de revolução, tenham a honestidade de não lhes responder com argumentos conservadores. Não lhes digam que eles utilizam nossos hospitais e que nós construímos rodovias para eles. Vocês hão de concordar que não existe uma escala de valor comum entre a benfeitoria de uma rodovia e aquilo a que o povo aspira [...]. Vocês quereriam que esses homens se contentassem com a razão mercenária que nós lhes oferecemos, e neste momento vocês se sentiriam capazes de estimá-los? Nós fomos ensinados a estimar as almas mais rebeldes!”⁹

5º) O caráter minoritário dos movimentos separatistas não é um argumento que possamos utilizar contra esses movimentos. Os fenômenos de *tomada de consciência* produzem sempre um certo intervalo entre uma vanguarda e uma massa. A extrema dificuldade neste ponto é, antes, a de se efetuar a uma apreciação *histórica*: será que se trata, neste caso particular (movimento vietnamita do manifesto argelino) de uma vanguarda que faz a história de seu povo? Os grandes critérios marxistas da libertação do proletariado frequentemente não são aplicáveis: assim, a consciência nacional de um povo islâmico parece ter uma medida própria. É sempre difícil dizer: tal movimento de independência exprime verdadeiramente a vocação deste povo. E, no entanto, uma política audaciosa deve correr esses riscos, procurar em quais grupos se dá a tomada de consciência, e apostar, sem astúcia. A este respeito, o caso do Marrocos é típico (cf. [Revista] *Esprit* N° 4, *Evitemos a guerra da África: a independência marroquina e a França*, por A. de Peretti): os quadros espirituais e políticos já existem, a chance de passar do protetorado à independência e ao tratado de amizade é única.

Esses cinco princípios permanecem muito genéricos. Em resumo: a colonização tem como finalidade a liberdade dos nativos; o pecado original da colonização precede todas as agressões unilaterais dos nativos; a exigência de liberdade, mesmo prematura, tem mais peso moral do que toda obra civilizadora dos países colonizadores; o racismo é o vício dos franceses nas colônias; são as minorias que representam a consciência nascente dos povos colonizados. Esses princípios podem, no máximo, criar um clima, uma disposição

⁹ N.E. Carta anônima de 18/04/1947, dirigida ao editor da *Revista Esprit*. Publicada com o título “É tarde demais” no Número 16/17, de Julho de 1947 (no Dossiê França-Vietnã), p. 34-39, citação extraída da página 35.

favorável para apreciar sem ira este movimento da história colonial que, neste momento, passa rapidamente ao estado da libertação antes de ter tirado todo benefício do processo civilizador das nações colonizadoras. Pelo menos, esses princípios têm a virtude de estar a meio caminho entre uma fé e uma política; concernem à própria moral: incapaz de inspirar como uma fé e desprovida de toda competência técnica que exige a política.

Sim, eu creio que como cristão, eu devo dizer “sim” a um movimento da história que cria a liberdade. Certamente, esta liberdade é menor, se ela não se sacrificar, por sua vez, em benefício de uma comunidade humana. Mas, para começar, libertemos os cativos; em seguida, nós procuraremos conjuntamente a comunidade e nós lutaremos juntos contra o ídolo da nação – adorado em Hanói ou em Paris –, contra o absurdo da soberania sem limites do Estado-nação. Mesmo que esta liberdade esteja marcada pela ilusão e pela violência, ela tem em sua raiz um valor positivo: é este “tesouro das nações” – do qual falava o Apocalipse – que será apresentado aos pés do Cordeiro. O amor cristão me parece aqui ser o ponto chave para discernir como se multiplica e se diversifica este tesouro das nações, por meio da libertação política, e também para amar esta perigosa criação contínua da humanidade, através dos movimentos de emancipação dos povos.

Paul Ricoeur

Traduzido do original em francês por
Cristina A. Viana Meireles.

